

ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS DE SÃO PAULO
FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS

**CULTURA DE VIZINHANÇA:
IDENTIDADE INDIVIDUAL E
VIDA URBANA**

SÃO PAULO - 1995

RESUMO

Em sua tese de doutoramento, a autora descreve uma pesquisa realizada em uma pequena cidade da França, onde constatou-se a oposição entre o discurso do planejador preocupado em introduzir uma nova lógica às práticas cotidianas dos moradores de uma vila operária, e o discurso dos aposentados que ali moravam e cuja vivência dos espaços da vizinhança havia sido impregnado de sua própria história de vida. Foi a partir desta experiência que a autora passou a argumentar que sem uma fina e aprofundada observação das práticas cotidianas, nenhuma intervenção no espaço urbano deveria ser realizada.

Partindo do princípio que a urbanização e crescimento das cidades segue cada vez mais a lógica do planejamento impondo ao seu habitante uma passagem do espaço privado para o público que é quase sempre abrupta e hostil pois trata a circulação como um fluxo inibindo o desenvolvimento de "espaços de transição", e modificando a concepção de sociabilidade nos espaços nos espaços de vizinhança. Esta pesquisa tem por objetivo procurar algumas "localidades" situadas em uma grande metrópole como São Paulo onde a observação da transição entre a vida privada e pública possa ser estudada. Para a autora o estudo das regras e normas da vida social nesses espaços que ora são chamados de *intermediários*, ora de *transição* deverão servir para compor o que ela chama de *cultura de vizinhança*, e que varia muito entre localidades de uma mesma cidade.

ABSTRACT

In her doctorate's thesis, the author describes a research carried out in a small French town, where she shows the opposition between the planner's discourse concerned about introducing a logic to the everyday life of inhabitants of a small working-class village, and the concerns of those people, mostly retired, whose life had actually been impregnated by the neighborhood. Based on this experience, the author argues that, without a thorough and detailed observation of the everyday practices, no intervention in the urban space should be done.

Starting from the fact that modern city planning follows certain rules which oblige people who live there to a brutal transition from private to public space, since it treats movement as a problem of flow destroying the subtle interplay of public and private developed in a "transitional space", and changing the concept of neighborhood interchange. This research will try to find some neighborhoods inside a large city such as São Paulo, where the observance of the transition from private to public can be done. The author believes that the study of the set of rules governing social interaction, which happens in these intermediate or transitional spaces will enable us to examine a "neighborhood culture" which varies from town to town as well as inside the same city.

ÍNDICE

Introdução ao relatório Work-in-Progress	4
Levantamento bibliográfico	5
Localidades : os bairros	6
Estudo exploratório das localidades	7
-Bom Retiro	8
-Brás	11
-Mooça	14
-Vila Maria	20
-Freguesia do Ó	28
-Vila Guilherme	34
-Vila Mathilde	42
Método e trabalho de campo	45
- Limitações e vantagens de um método “não-estruturado”	45
- A observação direta	48
Bibliografia	58

CULTURA DE VIZINHANÇA: identidade individual e vida urbana

Introdução ao relatório Work-in-Progress

A proposta desta pesquisa sempre esteve intimamente ligada à sistematização e organização do trabalho de pesquisa dos alunos bolsistas de iniciação científica que colaboraram de maneira intensa e muito positiva ao desenvolvimento desta pesquisa.

Este relatório apresenta as primeiras etapas do processo de orientação à pesquisa sociológica que desenvolvemos de outubro à maio com os bolsistas Marina Fernandes de Oliveira e Gilberto Ohara, que foram meus alunos de Sociologia II.

Este relatório apresenta os pressupostos e os primeiros resultados de cada um dos passos desta pesquisa. No entanto ainda não apresentará conclusões, ou sequer análise aprofundada destes resultados.

O arcabouço teórico, já apresentado no projeto, foi durante todo o trabalho de pesquisa, a base e, ao mesmo tempo, o objeto das indagações que fizemos em campo.

Desde o início, nos propusemos a estudar as regras e normas da vida social na cidade de São Paulo, escolhendo para isso um espaço preciso de observação, isto é, espaços urbanos que chamamos de **intermediários** ou **de transição**.

Espaços estes que tendem a desaparecer na grande cidade, onde a passagem da vida privada para a vida pública é abrupta. O bairro antigo ou a vila sempre se apresentaram em si mesmos como espaços de transição.

“O espaço concreto do bairro ou da vila é um espaço aberto à todos, regido por regras coletivas, mas que tem como “foco”, no sentido ótico, um lugar fechado, um lar. É um exterior definido a partir de um interior, um público cujo centro é privado.”

(¹)

(1) Antoine Prost, “Transições e Interferências”, in *Historia da Vida Privada*, Philippe Ariès e Georges Duby (orgs), Cia. das Letras, S.Paulo.

LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO

Consta do projeto de pesquisa um primeiro levantamento da bibliografia especializada e atual que sugerimos aprofundar junto com os alunos bolsistas com a finalidade de selecionar os textos mais relevantes sobre os quais deveríamos apoiar nossas hipóteses e a metodologia de investigação. Trata-se de bibliografia, em parte, já utilizada nos cursos de Sociologia II e os bolsistas já estavam familiarizados com alguns textos. Os textos foram discutidos em sessões tipo seminários e depois fichados.

Foi necessário, no entanto, acrescentarmos textos sobre métodos e técnicas de pesquisa pois a coleta de dados qualitativos requer uma orientação específica. Para isto, uma primeira leitura básica dos textos de Ruth Cardoso e Eunice Durham em A aventura antropológica se fizeram necessários, assim como introduzir os alunos à linguagem da pesquisa de antropologia social e etnológica.

Por outro lado, questões envolvendo técnicas de pesquisa nos levaram a reler textos sobre Observação Participante e todo o debate sobre métodos quantitativos e qualitativos. Uma coletânea como Issues in Participant Observation: a text and reader editado por McCall e Simmons foi útil mas ao mesmo tempo colocou algumas questões sobre o papel científico das Ciências Sociais. Por sua vez estas questões nos levaram a examinar um autor como Paul Willis e o seu artigo na Revista Cultural Studies no.9, "*The man in the iron cage : notes on method*" que coloca muito bem a observação participante no seu devido lugar, com suas vantagens e seus inconvenientes.

Tendo em vista o objeto da pesquisa propriamente dito, os alunos careciam de algumas noções de sociologia urbana pois antes de investigarem os espaços sociais do bairro foi preciso uma introdução básica à questão urbana. Para isto relemos os textos selecionados por Otavio Velho em O fenômeno Urbano, prestando atenção sobretudo na Escola de Chicago e na sua idéia de comunidade ecológica, mas lendo também o texto de Chombar de Lauwe cuja idéia de rede de relações na estrutura social urbana vai nos interessar na análise desta pesquisa.

Por fim, outro texto ausente na bibliografia do projeto mas cuja inclusão se faz necessária, é o de Arakcy Martins Rodrigues, Operário, Operária: estudo exploratório sobre o operariado da Grande São Paulo, cujo capítulo sobre metodologia é um excelente manual de campo para os pesquisadores.

Localidades: os bairros

Os bairros escolhidos para visita seguiram dois tipos de critérios:

1. bairros tradicionais e com conotação étnica.
- 2 bairros mais novos, situados no anel intermediário da cidade, mas com nítida identidade “regional”.

No primeiro grupo foram escolhidos os bairros:

- 1.1 Bom Retiro
- 1.2 Móoca
- 1.3 Brás

No segundo grupo foram escolhidos os bairros:

- 2.1 Vila Maria
- 2.2 Freguesia do Ó
- 2.3 Vila Guilherme
- 2.4 Vila Mathilde

Nestes bairros foram escolhidas algumas ruas que, à primeira vista, continham características espaciais que permitiriam o desenvolvimento de relações sociais mais intensas: ruas estreitas, sem saídas, ou contornando praças; casas geminadas, construções com imóveis “de frente” e “de fundos”, pequeno comércio local - tipo bar, padaria, mercadinho.

Estas ruas, ou mais precisamente trechos de rua, foram detectados, a priori, sem compromisso com as hipóteses da pesquisa. Seguiu-se um estudo exploratório destas localidades.

ESTUDO EXPLORATÓRIO DAS LOCALIDADES

O pesquisador saiu a campo com um perímetro delimitado de observação.

As observações seguiram um check-list previamente estabelecido e baseado nas discussões das hipóteses teóricas preliminares.

Quanto à moradia:

- a.1 fachada (muros, portões, grades, quintais, garagens, cadeado, jardim, adereços)
- a.2 estado de conservação
- a.3 uniformidade - classificação das casas
- a.4 reformas ou demolições, construções novas - indicadores de mudança
- a.5 presença de habitações deterioradas - cortiços ou favelas na proximidade

Quanto à rua:

- b.1 estado de conservação (buracos, valetas, lombadas)
- b.2 contexto dentro de um perímetro mais extenso (rua sem saída, passagem)
- b.3 observação do trânsito (carros, bicicletas, motos, ônibus)
- b.4 observação dos transeuntes - moradores ou pessoas de passagem
- b.5 presença de comércio e/ou serviços
- b.6 espaços que facilitem a sociabilidade - praças, igrejas, bares

As localidades escolhidas foram todas visitadas, observadas e notadas segundo o check-list acima com o intuito de privilegiar as três localidades que apresentassem um maior número de possibilidades de estudo dos espaços de transição .

Neste relatório não estamos descrevendo todas as localidades visitadas nos bairros escolhidos, pois muitas foram rapidamente descartadas seguindo os critérios de observação previamente estabelecidos.

Descrevemos abaixo apenas as localidades selecionadas para discussão e análise em grupo com a finalidade de eleger as três principais localidades onde a pesquisa em profundidade será realizada.

BOM RETIRO

Localidade: Rua Adoração

A rua Adoração é uma rua em parte sem saída, caracterizada por seus moradores como uma vila, que fica num dos limites do bairro do Bom Retiro - próxima à Av. Presidente Castelo Branco e, por outro lado atravessada pela rua Barra do Tibaji.

As casas geminadas foram construídas e comercializadas entre os anos 1952 e 1954. As casas embora não tivessem recuo de frente, davam diretamente nas largas calçadas. Na mesma época foram construídas, dentro do mesmo esquema de comercialização as casas da Rua Irradiação - paralela à Rua Adoração. Atualmente a rua Adoração é uma vila com 27 casas, cujas calçadas foram estreitadas para permitirem o estacionamento de veículos dos moradores, já que não há espaço para garagens. Existem, porém, algumas poucas casas diferenciadas pois têm um recuo lateral e são maiores. O entorno da área é contrastante com as casas da vila. Isto é, as vilas são como ilhas residenciais num bairro dominado por pequenas indústrias, depósitos e oficinas, sem praticamente nenhum comércio local do tipo bar ou padaria.

Com a passagem da Av. Castelo Branco, que faz ligação com a Av. do Estado, a Praça Jerusalém teve sua área sensivelmente reduzida e uma outra praça - Miguel Forte - foi criada em consequência da demolição de uma área comercial que veio permitir ligar a Rua Newton Prado à Av. Castelo Branco. Esta “nova” praça jamais foi utilizada pelos moradores das ruas contíguas e abriga marginais e mendigos. A Av. Castelo Branco parece ter tido efetivamente um efeito de “invasão” para os moradores desta área que se sentiam resguardados pelo fato de estarem “num canto” sossegado do Bom Retiro. O movimento de trânsito é intenso e se contrapõe à tranquilidade da Rua Adoração. Outro efeito desta operação urbana foi a valorização da área, gerando também uma desagregação do grupo primário de moradores, que nem sequer apresenta uma uniformidade em termos de faixa etária nem unidade étnica.

Concluimos que esta rua vem sendo comprimida pelas vias públicas de grande fluxo, o comércio local está sendo substituído por pequenas indústrias, e a valorização dos imóveis está expulsando o antigo morador. Consideramos pois que estes dados que indicam uma desagregação do grupo morador antigo, eram suficientes para contra-indicarem a Rua Adoração como localidade-alvo para pesquisa se aprofundar.

BRÁS

Localidade Rua Venâncio / Travessa Silvio

Estas duas ruas são sem saída e são travessas da Rua Silvio Penteadado, que juntas constituem a chamada Vila Penteadado, na Móoca. Esta Vila foi construída em 1906 para servir de moradia para os operários da Tecelagem Álvares Penteadado.

A vila existente na Travessa Sílvio tem as características de algumas vilas operárias do século XIX, são edificações geminadas com 4 m. de frente e 10 m. de fundo e hoje é um exemplo remanescente desta arquitetura em um bairro onde o desenvolvimento comercial predomina e se superpôs à ocupação residencial. A Vila está ladeada pela Rua Oriente e a Rua Barão de Ladário.

Na Rua Venâncio existem 14 casas e na Travessa Silvio mais 6; destas, 10 mantêm a fachada original e as outras foram reformadas, sendo que algumas até construíram um andar superior. Os imóveis da Rua Silvio Penteadado, rua que cruza as duas travessas já foram todos transformados em estabelecimentos comerciais.

As características da Vila poderiam ser interessantes a explorar, no entanto, a proximidade do intenso comércio das ruas vizinhas não permite mais que possamos identificar um espaço de transição. A casa e a rua estão separados por uma tênue linha onde os moradores se sentem inseguros e não permanecem, exceção feita às ocasiões muito especiais, como a Copa do Mundo.

O fato das casas não terem recuo e apenas uma estreitíssima calçada, e estarem sendo invadidas pelo estacionamento de veículos que por vezes os dificultam até o acesso à sua entrada em casa, as pessoas vivem isoladas e praticamente fechadas em suas casas. As janelas possuem grades protetoras e na Rua Venâncio há uma corrente fechando a rua à noite. A pressão dos estabelecimentos comerciais sobre os residenciais também é um elemento que desagrega e isola o antigo morador.

O progresso do bairro isola duplamente os moradores antigos, pois por um lado estão envolvidos por uma barreira inacessível que os constringe a permanecerem no bairro, por outro lado impede que seus amigos e familiares cheguem até eles devido às dificuldades de estacionamento, trânsito, etc. dificultando assim o seu contato com o mundo exterior.

MOÓCA

Rua Henrique Dantas, mais um trecho da Rua Virgilio de Freitas seguido de um quarteirão da Rua João Batista de Freitas.

A escolha destes trechos de rua decorrem do fato que todas estas ruas somadas às ruas Adelaide de Freitas e São Rafael formam um enclave no bairro da Móoca onde encontramos um grupo de casas constituindo um conjunto homogêneo. Apesar da proximidade de ruas comerciais e trânsito intenso como a Rua da Moóca, Av. Paes de Barros e Rua dos Trilhos, este enclave não é uma vila, não está isolado do resto do bairro e curiosamente não foi invadido pelo “progresso”. Mantém, portanto, sua forma antiga, onde praticamente nada foi mudado desde a construção dos conjuntos de casas. Poucas casas sofreram reformas importantes, somente duas num conjunto de 28 na Rua Henrique Dantas.

O quarteirão da Rua João Batista de Freitas é particularmente contrastante pois apresenta um outro tipo de construção de padrão mais alto, onde muitas já foram reformadas, aumentadas, modificando assim suas características originais.

Desta forma, o trecho da Rua Virgilio de Freitas serve como linha imaginária que separa os moradores, conotando através das fachadas diferenciadas, situações financeiras diferentes. Essa possibilidade de comparação, assim como a observação desta co-habitação, nos parece interessante, por isso estes trechos de rua foram escolhidos como localidade-objeto desta pesquisa.

Também na Moóca, localizamos várias outras ruas e vilas onde fizemos algumas observações.

Por exemplo, **Rua Marcelo Homem de Melo esquina com Rua Francisco Gouvêia** onde encontramos um sobradão único em forma de L formando um conjunto só. No entanto, os moradores antigos se mudaram; as unidades residenciais são todas alugadas e administradas por uma imobiliária, gerando uma rotatividade frequente. Este fator demonstrou, no primeiro contacto, não favorecer a sociabilidade entre os moradores.

Visitamos também a **Rua dos Bancários**, conjunto de casas construídas em 1936, para venda à funcionários do Banco Comércio Indústria . Hoje esta “vila” não aloja nenhum dos antigos moradores, e os novos moradores quase não se conhecem ou, pelo menos, alegam não se sociabilizarem.

VILA MARIA

Rua Pedro Vilalobos Martin

A Vila Maria é um bairro curioso pois embora recente, é um bairro que já tem uma história e os moradores se identificam e são fiéis ao **seu** bairro. A Vila Maria nasce um pouco antes dos anos 20 a partir de um loteamento feito pela Companhia Paulista de Terrenos destinado à venda de pequenos lotes à prestação para trabalhadores de baixa renda e se desenvolve como um bairro dormitório inicialmente. Hoje este loteamento se chama Vila Maria Baixa e a proximidade com a Marginal do Tietê e o desenvolvimento da cidade em geral mudou o caráter residencial do loteamento, que se adensou com comércio, indústria e sobretudo empresas de transporte rodoviário. A população da Vila Maria, no entanto não se transferiu para outros bairros mas ocupou a área ao norte - a Vila Maria Alta.

A Rua Pedro Vilalobos Martin fica exatamente entre a Vila Maria Baixa e Alta; isto é, localiza-se no início da subida, uma travessa da Rua Ararituaba. Trata-se de uma rua “quase sem saída”, pois há uma estreita travessa, Rua João Olívio Megale que faz ligação com a rua Arari Leite e duas escadarias que dão acesso à Rua Dona Piedade. A entrada da Rua Pedro Vilalobos Martin é apenas uma passagem, assemelhando-se à uma entrada de garagem. Portanto, apesar do intenso trânsito da Rua Ararituaba, esta rua é preservada como rua particular. Os pesquisadores sentiram que a rua se assemelha à um condomínio fechado embora nada impeça o livre trânsito nela.

As casas são todas geminadas num total original de 176 casas, embora muitas tenham sido reformadas e algumas foram aumentadas seja pelo acréscimo de um andar superior, seja pela união de duas casas transformadas em uma única. No entanto, as reformas em sua maioria, são reformas de fachada, o que demonstra uma preocupação em dar um toque pessoal às casas que originalmente eram todas iguais. Outro aspecto interessante diz respeito à decoração da entrada - vasos com plantas que ladeiam a porta de entrada ou os parapeitos das janelas. Essa apropriação das calçadas públicas com adornos particulares denota a vontade de criar um *espaço de transição* bem nítido. Por outro lado, embora o movimento pedestre na rua fosse bastante intenso, nós encontramos muitas casas com as portas abertas. Tapetes, brinquedos, roupas e outros objetos pessoais “largados” na estreita calçada e às vezes, na própria rua. Os carros são obrigados a estacionar com duas rodas na calçada e as portas das casas se abrem quase “em cima”

dos veículos. Essa relação entre a rua e a casa onde a primeira é quase um prolongamento da segundo obriga um relacionamento entre vizinhos que pode ser harmonioso ou conflituoso, interessando assim à nossa pesquisa.

Por outro lado, a existência das escadas que ligam a rua Dona Piedade à rua Arari Leite estimula um trânsito de pedestres intenso, pois no alto das escadas há um ponto de ônibus. Essa passagem constante de estranhos cria um sentimento que define quem pertence à rua e quem não é dali. Este é outro aspecto que poderá acrescentar alguns dados à nossa investigação, no momento em que aprofundarmos as entrevistas.

Já nesta primeira visita de observação, uma moradora nos perguntou: “*O que é que vocês estão fazendo na nossa rua?*”

Visitamos também outras localidades na Vila Maria. A Vila Maria Alta se caracteriza por um grande número de praças, pois o urbanismo teve que levar em conta a topografia do terreno, portanto as ruas são curvas acompanhando a subida e as áreas remanescentes deste desenho facilita a idealização de praças. No entanto, muitas destas praças são utilizadas para grandes terminais de transporte coletivo ou são pouco utilizadas enquanto ponto de encontro. Levantamos um trecho que compreende a ponta norte da **Praça Cianorte, no encontro das ruas Estevam Melio e Maria José Barroso**. O que há de curioso nesta localidade é que se encontra em plena fase de transformação: barracos construídos clandestinamente, casas em alvenaria com cortiços de fundo de quintal, construções industriais, comércio, bares e residências de classe média. Essa mudança e as consequências que deve estar gerando na comunidade pode ser interessante a pesquisar, necessitando entretanto um levantamento de material - entrevistas - maior do que foi previsto nesta primeira fase.

Outra localidade explorada foram as **Ruas Eli e Dias da Silva**, na Vila Maria Baixa. Estas ruas, hoje estão ocupadas pelo típico cortiço de periferia, ou seja imóvel concebido com duas construções de meia-água sem recuo lateral e um corredor central de acesso aos quartos (quase sempre sem janela). O convívio neste espaço já foi objeto de outra pesquisa que fizemos e esta localidade tem todas as características descritas neste trabalho.

Freguesia do Ó

Localidade: Praça Berthier Bento Alves e Rua dos Sitiantes

A topografia desta área da Freguesia do Ó não é plana portanto muitas casas da Rua dos Sitiantes estão rebaixadas com relação à rua. A Freguesia é também um bairro que se desenvolveu através de loteamentos destinados à classe de baixa renda, e em algumas áreas mais ao norte proliferam-se os loteamentos clandestinos. Hoje é um bairro que se valoriza. Muito próximo à Marginal, com várias pontes de ligação com a zona oeste, e centro; ao mesmo tempo um caminho de passagem aos loteamentos de classe média da Cantareira. Por ser um bairro que se adensou a partir da urbanização de lotes destinados à venda para distintas classes sociais, tornou-se hoje um bairro com muitos mini-bairros, ou seja cada loteamento preservou suas características e sobretudo um nome próprio.

A Freguesia do Ó é um bairro que passa por uma rápida transformação, mas que ainda preserva características do assentamento original. Ao lado de casas de muros baixos, rebaixadas com relação à calçada e sem garagem, estão sobrados novos com garagens protegidas por grades de ferro. Existem habitações nos fundos de quintal de algumas casas e, ao mesmo tempo, prédios luxuosos sendo construídos.

Os moradores, no entanto, ainda conservam raízes no bairro. Muitos que se enriquecem constroem um sobrado confortável no lugar da antiga casa; preferem passar pelo desconforto de uma reforma penosa à deixarem o bairro ou a rua que moram há anos. Outra vantagem reside no fato que são inúmeras as indústrias que se instalaram na Marginal e as ofertas de emprego ajudaram a fixar esses moradores.

O perímetro escolhido para estudo fica na Freguesia do Ó, mais particularmente no Parque Monteiro Soares.

A **Praça Berthier Bento Alves**, entretanto, não é ponto de encontro. Nela há um ponto de ônibus, uma banca de jornais, bancos sob as árvores e um açougue em frente. As pessoas passam cotidianamente na Praça mas não param. Os bancos da Praça são somente usados pelos peões da obra em construção e aos domingos ficam vazios.

No seu início, a **Rua dos Sitiantes** é estreita, sinuosa e em aclave, com calçamento de paralelepípedos, ao contrário das ruas vizinhas. Neste quarteirão, as casas seguem um mesmo padrão de construção embora não sejam iguais, os muros baixos permitem um controle e facilitam um relacionamento entre vizinhos. As plantas de uma casa invadem a vizinha, e o espaço público, fato este que insinua uma homeogeneidade no quarteirão.

Terminada a subida, a Rua dos Sitiantes muda de configuração e assim continua por muitos quarteirões. Passa a ser asfaltada, mais larga e reta e as construções apresentam fachadas reformadas e com adornos em serralheria e gesso.

Exatamente nesta fronteira encontra-se um Bar/Mercearia que curiosamente construiu um terraço fechado por uma baixa mureta em tijolos se apropriando da calçada, onde dispõe mesas e cadeiras. Este “terraço”, por sua vez, integrou ao seu interior o telefone público (orelhão), portanto as pessoas que quiserem se utilizar do orelhão entram no bar; por outro lado a dona do bar atende os chamados do orelhão e dá recados aos moradores. O movimento do bar não se restringe ao comércio, e sua função social é muito mais eficaz que qualquer espaço público, como a praça por exemplo. Aliás, o comércio em si não é intenso neste bar pois os moradores somente compram os produtos para suprir emergências ou bugigangas (chocolates e refrigerantes).

Uma quadra de esportes de um lado da rua teria já servido de local de festas comunitárias. Hoje, no entanto, vem sendo invadida por jovens vindos de outras localidades tornando-se um local de conflito e preocupação dos moradores.

A Freguesia do Ó é um bairro onde várias localidades-objeto da pesquisa podem ser encontradas apesar da rápida transformação que vem sofrendo. Uma segunda localidade investigada compreende a rua **Carlos Alberto Moretti** e um pequeno trecho da rua **Jamari**. Estas ruas se encontram entre a Vila Cavatton, Jardim Monjolo e a Chácara Nossa Sra. do Ó. O acesso se dá pela travessa Rio Verde que é uma rua tortuosa e em aclive acentuado, que termina no início da rua Jamari. O trecho escolhido fica no alto da Freguesia do Ó com vista da Lapa, e compreende uma área residencial e outra comercial. Trata-se de uma região de pouco tráfego e em valorização. A topografia acidentada do terreno resguarda a área ao mesmo tempo que a valoriza devido a belíssima vista da cidade.

VILA GUILHERME

Localidade: Rua das Palmas

O bairro da Vila Guilherme é vizinho da Vila Maria e sua ocupação tem as mesmas características embora seus moradores não demonstrem a mesma identificação com o bairro que seus vizinhos. Mais próximos do centro da cidade, a implantação do Shopping Center Norte e uma das grandes emissoras de rádio e TV - o SBT, fazem com os moradores da Vila Guilherme se sintam superiores ao da Vila Maria. Algumas entrevistas com moradores realizadas anteriormente já deixaram transparecer essa vontade de se diferenciarem.

A Rua das Palmas fica entre duas grandes e movimentadas avenidas da Vila Guilherme - Av. Cassio de Almeida e Av. Maria Cândida. As casas desta rua foram construídas nos anos 20 por quatro investidores com intuito de vendê-las; são casas geminadas com um pequeno jardim na frente, os quais em muitos casos se transformaram em garagens. A Rua das Palmas é uma rua curta mas que curiosamente é bem conhecida dos antigos moradores do bairro pois há 20 anos abrigava na esquina um zoológico particular.

O perímetro que nos propusemos a estudar neste bairro é, pois muito antigo sendo a Av. Maria Cândida uma das primeiras ruas da Vila Guilherme. A Rua das Palmas, embora tranquila e antiga parece não ter uma vida social de vizinhança intensa. Mesmo nos fins de semana a única atividade externa que pudemos observar foi a lavagem de carros, sem que o relacionamento entre os vizinhos fosse além do cumprimento formal. Os pesquisadores tentaram se aproximar de alguns moradores para sentirem a possibilidade de aprofundar a investigação e perceberam que embora muitos moradores estejam ocupando há anos o mesmo imóvel e conheça muito bem o seu vizinho, eles negam um relacionamento mais intenso com eles. Grande parte dos moradores trabalha no Centro da cidade e por isso não sentem sequer necessidade de se utilizarem do comércio local. Uma moradora disse que prefere chamar o seu bairro de “*Vila Gui*”, *porque fica mais chic*”. Quase todos os contactos entre os vizinhos se restringem às conversas no portão quando as saídas se coincidem.

Este tipo de comportamento nós interpretamos como típico de um bairro em vias de aburguesamento. Lembramos aqui o historiador Philippe Ariès que atribui à ascensão da burguesia, a repugnância pelas promiscuidades impostas pela antiga sociabilidade e a atual obsessiva necessidade de intimidade.

“As classes populares mantiveram até quase nossos dias esse gosto pela multidão.”

(²)

Os pesquisadores notaram que o indicador - tempo de moradia - que pensavam ser fator de relacionamentos intensos, não se comprovavam no caso da rua das Palmas pois muitos dos moradores se conheciam há anos e mesmo assim não confessavam qualquer tipo de intimidade ou vida comunitária.

Sabemos, evidentemente, que muitas vezes o discurso do morador numa primeira entrevista está muito mais ligado à encenação de um papel que imagina representar do que à realidade cotidiana. No entanto, essa primeira observação não tinha o objetivo de aprofundar nenhuma pista, apenas detectá-las.

Ainda no perímetro limitado pela Rua Maria Cândida e Rua Cássio de Almeida, os pesquisadores passaram algum tempo observando as ruas **Mário Pinheiro e Capitão Guedes de Souza**, encontrando aí a curiosa **Travessa Vida e Poesia**.

As características destas ruas são muito semelhantes à **Rua das Palmas**, no entanto, muitos sobrados já estão se transformando em estabelecimentos comerciais. A intensificação do fluxo de trânsito faz com que as residências restantes se protejam com grades altas e o espaço intermediário entre a casa e a rua desaparece. Sobrevive, entretanto a **Travessa Vida e Poesia** onde, embora ocupada por sobrados grandes e casas de padrão médio-alto, as grades são baixas, não há garagens e os carros se estacionam na rua estreita. Novamente aqui, o espaço urbano exíguo - o enclave, a rua sem saída - restringe o movimento e permite a sobrevivência de uma área de transição entre o espaço privativo e público. O desenvolvimento do bairro tem atraído não só vários estabelecimentos comerciais como, recentemente, está se instalando neste perímetro a Universidade Bandeirantes- UNIBAN.

(2) Ariès, Phillippe, *História Social da Criança e da Família*, Ed. Guanabara R.deJaneiro

Os moradores, além de se preocuparem com esse repentino afluxo de população transitória no bairro, temem também que as ruas sejam alargadas e mais bem pavimentadas (algumas ainda são em paralelepípedos), pois sabem que estas “melhorias” nem sempre significam melhor qualidade de vida cotidiana para os moradores.

Uma segunda observação foi feita na **Rua Nossa Senhora Operária esquina com Rua Mario Pizzoti**. Estas ruas ficam bem próximas à Marginal entre o Shopping Center Norte e o complexo Carrefour/Makro. Como todo o bairro em questão, esta localidade também está se transformando, e a rua Nossa Sra. Operária é um exemplo típico desta transição. Moradores situados nas duas extremidades da escala social coabitam sem conflito mas sem convívio. A rua se divide em grupos de casas reformadas e embelezadas e grupos de casas pequenas porém independentes e com um jardim ou garagem na frente. Os dois grupos convivem harmoniosamente mas o relacionamento é superficial, promovendo no entanto algumas comemorações conjuntas como festas juninas e pinturas na rua por ocasião da Copa do Mundo. Hábitos de convívio social estão desaparecendo com o desenvolvimento do bairro, há algum tempo a rua era fechada aos domingos e as crianças ali brincavam. As crianças cresceram com o bairro e só os velhos guardaram o seu ponto de encontro: a barbearia.

VILA MATHILDE

Localidade: Praça Baixa do Riachão

Esta localidade não fica exatamente na área conhecida como Vila Matilde, mas em um trecho conhecido como **Patriarca**, próxima à estação do Metrô Patriarca. Nesse caso houve um requisito que determinou esta escolha. Isto é, os pesquisadores decidiram escolher uma praça que apresentasse sinais de cuidado e uso pelos moradores.

A Praça Baixa do Riachão é uma praça triangular, em declive e ladeada pelas ruas Sabaudia, Prefeito Tito Novais e Mantenedópolis. Esta praça de fato atrai vários grupos de moradores de diversas faixas etárias. Aliás, as crianças jovens são as que menos brincam na praça pois os jogos de bola e outros são considerados danosos para a vegetação, portanto estes jogos se realizam na rua Tito Novais que é plana. Os vizinhos se reúnem na Praça, sobretudo quando a cruzam para irem às compras.

No entanto, os pesquisadores observaram que o real polo de atração neste local não é a Praça em si, mas um comércio de doces e sorvetes na esquina da Rua Sabaudia com a Tito Novais. A liderança exercida pela proprietária do comércio, que por sua vez também é moradora na Praça, é o componente mais importante no sucesso da convivência social nesta localidade. Quase todas as atividades comunitárias que reúnem os moradores têm a liderança desta senhora, que também é chamada para resolver os conflitos que eventualmente ocorrem, causados sobretudo pelos jogos de bola na rua e pelas ruidosas motocicletas estacionadas em frente à sorveteria.

A sorveteria tem uma vista estratégica do alto da Praça, permitindo assim aos seus frequentadores uma observação e o controle do que se passa na Praça e nas casas ao redor. Este controle social exercido pela comunidade que rodeia a Praça Barra do Riachão não é um fenômeno novo e os moradores antigos já transmitiram às novas gerações suas normas e seus códigos.

MÉTODO E TRABALHO DE CAMPO

Limitações e vantagens de um método “não estruturado”

A investigação sociológica já vem, há algum tempo, se permitindo dar ênfase às análises qualitativas atribuindo-lhes a mesma seriedade dos sofisticados métodos quantitativos. Muitos dos dados da Ciência Social hoje são coletados através de técnicas de entrevistas e observação. A valorização da observação participante, que no início era vista como uma “aventura de pesquisa”, vem firmar um estilo que combina vários métodos capazes de apreender e tornar visível realidades vividas, que por serem tão “comuns” passam despercebidas.

Como insiste Raymond Williams⁽³⁾, a cultura é comum (ordinary). O que existe de extraordinário no fato comum é que pode ser extraordinário. Roberto da Matta também apontou para a dupla tarefa do etnólogo em transformar o exótico no familiar e o familiar em exótico⁽⁴⁾. E é por isso que um dos debates interessantes na questão da pesquisa participante é o problema da subjetividade e da objetividade na coleta de dados.

“ A interpretação que se constrói sobre análises qualitativas não está isolada das condições em que o entrevistador e o entrevistado se encontraram. A coleta de material não é apenas um momento de acumulação de informações, mas se combina com a reformulação de hipóteses, com a descoberta de pistas novas que são elaboradas em novas entrevistas. Nestas investigações, o pesquisador é o mediador entre a análise e a produção da informação, não apenas como transmissor, porque não são fases sucessivas, mas como elo necessário.” ⁽⁵⁾

(3) Raymond Williams, “Culture is ordinary”, in Studying Culture, A.Gray&J.McGuigan Ed.Edward Arnold,London,1993. Este texto de Williams, no entanto, é de 1958.

(4) Roberto da Matta, “O ofício de etnólogo, ou como ter *Anthropological Blues*”, in A Aventura Sociológica, Zahar, R.de Janeiro 1978.

(5) Ruth Cardoso, “Aventuras de antropólogos em campo ou como escapar das armadilhas do método”, in A Aventura Antrpológica, Paz e Terra,S.Paulo 1986

O mais óbvio avanço apresentado pela metodologia de pesquisa qualitativa tem sido, sem dúvida o fato que se apresenta *contra* as teorias e métodos sociológicos modelados nos procedimentos e avaliações das Ciências Naturais. Entretanto continua existindo uma grande preocupação no fato de que a teoria só pode, em última instância, demonstrar suas próprias hipóteses.

O pesquisador deve entrar no ambiente dos seus *sujeitos* ao invés de penetrar em um laboratório, e mais, deve entrar em campo o mais livre possível de qualquer teoria prévia. Na medida do possível o pesquisador deve evitar “perturbar” o campo. Para manter a riqueza e a autenticidade do fenômeno social é necessário que, nos primeiros estágios da pesquisa, o pesquisador possa receber o material cru e num estado de quase nudez teórica. É justamente através desta abertura e a maneira direta que esta aproximação metodológica permite, que o pesquisador vai poder *fotografar* a realidade.

“A prática de pesquisa que procura este tipo de contato precisa valorizar a observação tanto quanto a participação. (...) Observar é contar, descrever e situar os fatos únicos e os cotidianos, construindo cadeias de significação. Este modo de observar supõe, (...) um investimento do observador na análise de seu próprio modo de olhar. (6)

As críticas feitas à investigação etnográfica e à observação participante insinuam sempre uma desconfiança quanto à credibilidade do material, pois a herança positivista das ciências sociais ainda mantém um forte elo com a noção de “ciência”, onde o objeto de pesquisa deve existir num mundo externo ao contexto da pesquisa. Daí a insistência, por exemplo, na *passividade* do Observador Participante no campo, o que esconde a crença de que o “sujeito” da pesquisa seja na realidade um objeto. Embora a preocupação explícita seja a de *minimizar a distorção do campo*, o que está realmente atrás desta crítica é o medo de que o objeto possa ser contaminado pela subjetividade do pesquisador. Essas críticas fizeram com que a Observação Participante fosse transformada em uma técnica onde encontramos um evidente medo da subjetividade.(7)

(6) Ruth Cardoso, op.cit.

(7) G.L.McCall, “Data Quality Control in Participant Observation” in *Issues in Participant Observation*, McCall & Simmons (eds) Addison Wesley 1969

Vem daí a preocupação, citada por Cardoso, em não deixar com que o relato etnográfico seja comparado à reportagem jornalística ou ao romance, onde, em ambos os casos se inserem os aspectos da imaginação e da interpretação.

Por outro lado, a Antropologia tem uma tradição em analisar detalhadamente situações sociais e de utilizar um estilo narrativo para descrever suas observações. Malinowski notabilizou-se por tratar seus dados etnográficos tal qual um romancista trabalha as histórias que conta.

Os sociólogos parecem ter medo de enveredar por este caminho e inúmeras são as críticas que qualificam os estudos etnográficos como “ (...) *fonte de diversão cheia de esperança numa sociedade de massas desprovida de sujeitos. Chamam pesquisa a invasão da privacidade e tentam reconstruir e celebrar os detalhes microscópicos da vida cotidiana.*” (8)

Esse medo gerou a *cientifização* dos estudos etnográficos referentes às observações da vida cotidiana na sociedade moderna. Chamou-se “ethnomethodology” a prática sociológica de lidar com os estudos empíricos do cotidiano. O mestre desta ciência é Harold Garfinkel que diz:

“ *I use the term ethnomethodology to refer to the investigation of the rational properties of indexical expressions and other practical actions as contingent ongoing accomplishments of organized artful practices of everyday life.*” (9)

Em resumo, essa investigação das *localidades*, aqui apresentada deve colher “pedaços da sociedade” utilizando os métodos de observação participante, entrevistas dirigidas e outras em profundidade tentando traçar uma história de vida, formulando assim um retrato multidimensional da vida social e cultural da comunidade moradora. Nesse estudo, não pretendemos cair na armadilha do método científico e tentaremos “embarcar” no processo que Roberto da Matta chamou *anthropological blues*.

(8) G.Pearson & J.Twohig, “Ethnography through the looking-glass” in *Working Papers in Cultural Studies 7&8*, Birmingham 1978

(9) Harold Garfinkel, *Studies in Ethnomethodology*, Polity Press, Cambridge, 1967

A Observação Direta

Nas primeiras visitas à rua, somente observamos o vai e vem cotidiano de seus moradores. Inútil dizer que a observação era mútua pois, como era de se esperar, a presença de estranhos era imediatamente notada pelos moradores.

A situação ideal teria sido a de se permitir um número tão grande de visitas até chegarmos ao ponto de não sermos notados - o pesquisador pode passar a fazer parte da paisagem. Suzanne Rosenberg em uma pesquisa sobre um bairro de Paris diz que é importante “s’offrir le luxe de rien observer de significatif”⁽¹⁰⁾. Essa prática “boutiquière”, como chama Rosenberg, tem a vantagem de estabelecer uma relação de troca com os moradores do bairro que se renova cotidianamente.

As primeiras entrevistas com os moradores resultaram de conversas informais, onde o pesquisador somente “explora” alguns dos temas de investigação:

- o tempo de moradia na rua
- as relações entre vizinhos
- a inserção da rua no bairro
- os locais de encontro

Nessas “conversas exploratórias” é comum encontrarmos um *leader* da rua, cujas informações são úteis nesse primeiro momento, pois muitas vezes é através destes personagens que o pesquisador é admitido na “sociedade da rua”. No entanto, é preciso saber o momento de abandonar esse “informante” que quase sempre é uma pessoa especial, que não reflete a realidade cotidiana.

10. Suzanne Rosenberg, “Vivre dans son quartier... quand même”, in *Annales de la Recherche Urbaine*, no.9, 1980.

Pedimos aos pesquisadores que descrevessem essas “primeiras impressões” e as classificassem como material coletado. Essa prática, que tem sido muito esquecida na Ciências Sociais hoje, sobretudo depois dos gravadores portáteis, se revela entretanto insubstituível. Os cheiros, os sons misturados, os gestos surpreendidos, não são captáveis por instrumentos: apenas os sentidos treinados do pesquisador podem preencher essas informações.

Esta técnica não é nada mais que uma outra maneira de resgatar as **cadernetas de campo** tão utilizadas pela Antropologia Cultural e pela Sociologia Empírica. Estes relatos que contam a situação como os dados foram colhidos, as circunstâncias e as relações com o entorno, são essenciais para compreendermos a entrevista propriamente dita.

As entrevistas não questionam diretamente os moradores. Um **Guia de Observações e Informações** é utilizado para dirigir a entrevista deixando-a, no entanto, o mais aberta possível à intervenção dos entrevistados. Escolhemos trechos de ruas pequenos, daí a possibilidade de realizarmos entrevistas com praticamente o universo todo. Raros foram os moradores que se negaram a conversar com os pesquisadores.

Quando um interlocutor aceita responder à entrevista, o pesquisador se introduz na intimidade da vida privada do entrevistado. A situação da entrevista é mais do que uma relação neutra entre pesquisador e um morador indiferenciado. O objetivo da entrevista se inscreve numa relação de força simbólica, onde o entrevistado aceita "*porque tem um momento para perder, para prostrar um pouco, para fazer um favor ao pesquisador*"⁽¹¹⁾

O relacionamento entre entrevistador e entrevistado não é previamente estruturado, ele se define durante a entrevista, isto quer dizer que a entrevista pode mudar de direção à partir de dados que recebe se acrescentam, podendo inclusive reformular as hipóteses iniciais.

(11) Monique Verwaete, "La situation d'enquête comme rapport social", docum.mimeogr. não publicado, 1984

Em cada uma das localidades escolhidas, devemos realizar uma entrevista em profundidade, onde será recolhido um “discurso livre” sobre a história de vida do morador e seu relacionamento com os espaços de sua casa e de sua rua, seus vínculos com seu bairro e com sua cidade.

Em outra pesquisa, ⁽¹²⁾ pudemos detectar através do discurso livre a importância que existe entre a vivência num espaço e o seu próprio desenho. O espaço planejado e racional se mistura com as práticas sociais ali vivenciadas e se transforma segundo o que chamamos a lógica do *espaço vivido*. Nesta pesquisa, uma senhora entrevistada hesitava diante da reforma de sua casa, pois dizia que naquele espaço sem conforto e insalubre havia “*il y a des choses... des petits souvenirs.. tous ces murs, quoi. Ça marque quelque chose, parce que mon mari les a peint et mes enfants ont barbouillé partout...*”

Esta etapa do trabalho deverá ser realizada em uma segunda fase do trabalho pois a *entrevista em profundidade* é uma das técnicas mais longas e árduas dentre as comumente utilizadas, mesmo em pesquisas qualitativas. Por outro lado, o pesquisador precisa receber um treinamento adequado para poder realizá-la. Nesta primeira etapa realizamos entrevistas abertas, no entanto com um roteiro diretor básico.

(12) Marina HECK, *L'État des Lieux, réhabilitation d'une cité ouvrière*, Ed. Pensée Sauvage, Grenoble, 1985

Localidades escolhidas:

Nossa primeira intenção era escolher **três** localidades para o aprofundamento das entrevistas, no entanto as discussões do grupo nos levaram a selecionar **quatro**, num primeiro momento, podendo uma delas ser descartada posteriormente.

1. Móoca - Rua Henrique Dantas
2. Vila Maria - Rua Pedro Vilalobos Martins
3. Freguesia do Ó - Rua dos Sitiantes
4. Vila Guilherme - Rua das Palmas e Travessa Vida e Poesia

Um mapeamento geral dos campos investigados nesta primeira fase é apresentado neste relatório, no entanto já está em fase final o mapeamento detalhado das localidades escolhidas.

As localidades já foram fotografadas, e um suporte gráfico mais elaborado com vistas a construir o “cenário” da pesquisa está em fase de elaboração.

Entrevistas :

As localidades foram visitadas e as entrevistas realizadas seguiram, além dos critérios estabelecidos pelos procedimentos metodológicos, um roteiro que permitiu identificar os moradores que maior conhecimento e vivência tinham do bairro e do perímetro escolhido.

Roteiro:

1. Tempo de moradia no bairro, e particularmente na rua.
2. Laços familiares no bairro - se a família já morava no bairro?
3. Perguntas que permitissem identificar a razão pela preferência e/ou permanência no bairro.
4. Perguntas que permitissem identificar as preocupações dos moradores:
 - a) preocupações relacionadas à um fato recente e particular do bairro
 - b) preocupações relacionadas à fatos gerais divulgados pela mídia.
 - c) preocupações estereotipadas - é assim que a gente *deve* se sentir.
5. Relações com o bairro : comerciais, de lazer, ou trabalho.
6. Relações com os vizinhos: sociais, afetivas, solidárias, conflituosas
7. Existência de atividades comunitárias.

Escolha dos entrevistados:

Os interlocutores foram separados em tipos, de acordo com alguns indicadores que se revelaram aglutinadores de idéias específicas. Por exemplo: faixa etária: os jovens e os velhos; sexo: homens e mulheres; atividade no mercado de trabalho: as mulheres que não trabalham fora (eventuais desempregados) e o restante da população que trabalha; famílias com crianças pequenas e famílias sem crianças; moradores e comerciantes.

Local:

Como já vimos acima, o local da entrevista também foi escolhido após a observação do perímetro. Preferencialmente a entrevista deve ter sido feita no portão de entrada da casa, na rua, na calçada, eventualmente em uma praça, bar ou estabelecimento comercial identificado previamente como *ponto de encontro*. Nessa fase da pesquisa foi propositalmente evitado entrar no espaço privado - na casa - do entrevistado. Neste sentido, pretende-se coletar os dados *em situação* de transição entre a vida privada e a vida pública do interlocutor. Portanto, o ambiente onde se desenrola a entrevista pode participar e contribuir com referências à mesma. Por exemplo, fatos que acontecessem durante a entrevista e comentados pelo entrevistado; ou a adesão de outros interlocutores que se agregam à entrevista *en passant*.

Coleta de dados:

Embora houvesse uma preocupação em uniformizar a coleta de dados para cada um dos perímetros selecionados, cada bairro apresentou um aspecto em que a entrevista pode se aprofundar. Isto significa que as dificuldades encontradas também variam de acordo com o bairro. Um trabalho de sistematização e “*limpeza*” dos dados colhidos se fez necessário antes da análise.

Os dados brutos ainda estão agrupados por localidade e não de acordo com as principais hipóteses do trabalho, como por exemplo grau de sociabilidade, relação espaço físico e sociabilidade, relação tempo de moradia e intimidade com o espaço.

Limitações:

Alguns tipos de problemas encontrados em quase todos os casos foram:

1. a crescente valorização dos bairros selecionados, sobretudo aqueles localizados no Anel Intermediário do Município, vem transformando de maneira muito rápida a “cara” do bairro, e isto dificulta ao pesquisador caracterizar as práticas cotidianas como específicas daquele espaço das práticas estereotipadas e presentes em qualquer outro bairro. Por exemplo, nem sempre uma casa reformada que se distingue das outras deve ser identificada como uma inovação ou uma mudança, pois muitas vezes o morador é o mesmo de há muitos anos e a reforma ao invés de introduzir um elemento novo e alheio ao contexto da rua, apenas reforça o enraizamento do morador naquele espaço.
2. Os espaços com vocação de *ponto de encontro* - praça, bares, mercadinhos - nem sempre estão associados à vida cotidiana da rua, pois em muitos casos verificou-se que não são frequentados pelos moradores. Praças invadidas por jovens de outras ruas, bares frequentados por operários de fábricas dos arredores e mercadinhos procurados por usuários de transportes coletivos que atravessam o bairro. Por outro lado, alguns *pontos de encontro* foram descobertos, como por exemplo uma garagem transformada em “sala de visitas” com portas abertas para a rua, onde se reúnem algumas senhoras para conversar, tomar chá e tricotar. O local, embora pertença à uma das casas da rua, perdeu suas características de espaço privativo quando foi mobiliado por vários de seus usuários e abriga também bicicletas e outras quinquilharias de diversos vizinhos. Um salão de barbeiro foi descoberto casualmente pois funciona também em uma garagem, sem placa na porta e sem horário de atendimento previamente fixado; os homens ali se reúnem sem que necessariamente façam barba ou cortem cabelo.
3. Assim como estas garagens não abrigam carros e se transformam em sala de visitas, muitas casas são reformadas para que a sala de visitas e/ou alpendre sejam transformados em garagem para carros. Isto é, boa parte da entrada da casa é sacrificada para o carro; às vezes até mesmo um nicho é criado para acomodar a frente (o motor) do carro, resultando provavelmente numa estante no interior da casa. Estas reformas, onde o carro é acomodado dentro do espaço privativo da casa, são comuns e vêm complementar os portões de ferro com uma saliência que invadem parte da calçada (espaço público) .

4. Uma limitação importante para a análise das entrevistas é a questão de como interpretar as inúmeras referências à segurança e violência. Estas questões que estão cotidianamente presentes na mídia e que são reais passam também a servir de álibi para justificar alguns comportamentos que impedem a sociabilidade nos espaços de transição entre a vida privada e pública dos moradores do bairro. Podemos desde já prever que em alguma etapa desta pesquisa deveremos encontrar uma maneira de destilar o discurso do entrevistado quanto às questões relativas à segurança. Em que momentos a preocupação do entrevistado se refere de fato à sua proteção com relação à violência, e em que momentos ele se protege do exterior e do público a fim de se isolar da multidão.

As visitas ao bairro que antecederam à entrevista puderam adiantar ao entrevistador as dificuldades e o tipo de abordagem que deveria utilizar. Cada rua tem um momento do dia mais ou menos apropriado para a entrevista. Ficou também claro que as entrevistas deveriam ser realizadas tanto nos dias de semana como nos fins de semana, pois o movimento na rua e a disponibilidade dos moradores facilita ou prejudica a entrevista dependendo do momento.

Um entrevistado preferiu interromper sua entrevista pois percebeu estar sendo observado por outro vizinho: *“Você pode voltar na segunda-feira, pois assim aquele ali não fica nos olhando... ele trabalha.”*

Algumas ruas se animam nos fins de semana, outras se fecham: *“Ah..hoje não dá.. meu marido está em casa ...”* É curioso notar que durante a semana as crianças brincavam na rua e a porta da casa fica aberta para a calçada, os brinquedos espalhados dentro e fora da casa, enquanto que no domingo estão todos comportadamente assistindo televisão com o pai.

Algumas famílias insistem que façamos as entrevistas dentro de suas casas e quando afirmamos que isto não é possível pois é preciso que ela seja realizada na rua, no portão, na calçada, recusam.

As diferentes formas de apropriação das calçadas pelas pessoas é também um indicador da sua relação com o espaço público. Em algumas ruas, a calçada é cuidada como parte da casa - vasos de plantas, bancos, adornos diversos. Esta apropriação é mais presente quando a rua é de pouca passagem. A rua e a calçada são espaços que têm várias funções além de assegurar o fluxo de veículos e a segurança dos pedestres. A questão da circulação é apenas uma função e segundo Jane Jacobs , não é a mais importante.

“O urbanismo moderno trata a circulação como um fluxo. O deslocar-se, portanto, exclui o encontro, e a eficácia exclui o perambular.” (13)

Jacobs observa que o planejador urbano quando constata grupos de pessoas ocupando as calçadas para conversar, beber ou simplesmente “fazer hora”, fica horrorizado e comenta que se estas pessoas tivessem uma habitação decente com certeza não estariam ali “perturbando” nas calçadas. O uso das calçadas para qualquer outra coisa que não seja a passagem rápida de pedestres é considerado inapropriado, ou se refere à um hábito urbano pouco moderno. Por exemplo, em algumas cidades de interior onde ainda se colocam os móveis de sala nas calçadas à noite para “tomar a fresca”. Por outro lado, observa-se também que nas comunidades onde a calçada é aceita como espaço de convívio, as pessoas preferem transitar na rua - não usam a calçada só para circulação, desprezando a função de segurança aliada à calçada.

“When an area of a city lacks a sidewalk life, the people of the place must enlarge their private lives if they are to have anything approaching equivalent contact with their neighbors. They must settle for some other form of togetherness, in which more is shared with one another than in the life of the sidewalks, or else they must settle for lack of contact. Inevitably the outcome is one or the other; it has to be; and either has distressing results.” (14)

(13) Antoine Prost, “Transições e Interferências”, in *Historia da Vida Privada*, vol.V, G.Duby e Ph.Ariès (orgs.) Cia das Letras

(14) Jane Jacobs, *The Death and Life of Great American Cities*, Penguin Books, 1994.

Esta visão intimista da sociabilidade na vida urbana moderna cresce na medida em que os espaços públicos são abandonados, talvez por estarem vazios de sentido.

Para Richard Sennett, a “*supressão do espaço público contém uma idéia ainda mais perversa: a de fazer o espaço contingente às custas do movimento. (...) o espaço público destina-se à passagem, não à permanência. (...) isto significa que o espaço público se tornou uma derivação do movimento.*” (15)

Para Sennett, no entanto, não se trata de pensar em um “revival” da *vie de quartier* como se fosse possível ignorarmos o crescimento das grandes metrópoles, e toda a tecnologia urbana no que se refere à construção, transportes e comunicações. É preciso prestar atenção para que a análise da cultura de vizinhança nas localidades observadas não nos leve a fazer a apologia de uma vida social primária e antiquada. Assim como existem trabalhos de pesquisa em favelas que demonstram um forte grau de solidariedade e sociabilidade e nem por isto significa que a favela seja o melhor exemplo de planejamento urbano. Os românticos da vida na favela, quase nunca moram lá. Da mesma maneira em que autores nostálgicos que escrevem sobre os ghettos étnicos do East Side novaiorquino, não percebem que é justamente o fato dos moradores terem superado o passado, é que conseguem dar às interações sociais uma perspectiva viva na cidade moderna.

Richard Hoggart já havia notado que os trabalhadores mais prósperos se afastavam dos *pubs* e passavam a se dedicar mais aos cuidados com o jardim da casa.

O enriquecimento das classes trabalhadoras urbanas direcionou a vida social para a vida familiar, eventualmente com a comunidade (igreja, associações ligadas ao lazer).

Mais recentemente, Sennett, ao estudar a família moderna nos EE.UU., nota:

(...) I realized that in the last decades the family has appropriated the social functions and contacts that men once sought in the broader arena of the city.” (16)

(15) Richard Sennett, *O Declínio do Homem Público*, Cia das Letras, 1993

(16) Richard Sennett, *The Uses of Disorder*, Norton 1970

Considerações finais

Nesta primeira etapa da pesquisa pudemos constatar:

1. As localidades selecionadas vivem intensamente a ambiguidade entre vida social em espaço público e/ou privado. As primeiras entrevistas (em anexo) já mostram que ora os moradores *confessam* achar positivo as relações com os vizinhos, ora evitam dar muita importância à estas relações.
2. As localidades selecionadas estão sofrendo um processo de transformação devido à valorização dos bairros. O progresso tecnológico e a ascensão social dos moradores também contribuem à essas mudanças na “cara” da rua. Será interessante investigar se estas mudanças no visual físico da localidade têm alguma influência no comportamento dos moradores - nos casos em que são antigos moradores.
3. Ainda com relação às mudanças, constatamos ser necessário analisar as reformas das casas, pois em algumas ruas onde as casas eram todas originalmente idênticas, vale examinar as várias maneiras que os moradores encontraram para personalizar sua fachada ou, resolver um problema de ampliação de área.
4. Algumas localidades são *tão* protegidas do ponto de vista físico que se tornam vulneráveis à invasões de “estranhos” à rua. Outras vezes trata-se de invasões devido à implantação de um estabelecimento comercial ou abandono de praça, etc. Estas invasões são vividas ora positivamente, ora negativamente.
5. Através das entrevistas em profundidade, tentamos apreender os aspectos mais significativos no paradoxo ascensão social / enraizamento no bairro. Até que ponto os bairros estão se homogeneizando quanto ao perfil econômico do morador, diluindo a idéia de *cidade mosaico*?; ou o enraizamento cultural prevalece e o perfil do bairro muda junto com o do seu morador?

BIBLIOGRAFIA

Ariès, Philipe & Georges Duby (Org) , *História da Vida Privada Vol. I-V*, Cia. Letras,91.

Ariès, Philipe, *História Social da Criança e da Família*, Guanabara, 1981.

Bourdieu, Pierre et al., *Le Metier de Sociologue*, Mouton, 1980.

Cardoso, Ruth (org.), *A Aventura Antropológica*, Paz e Terra, 1988.

Castoriades, Cornelius, *A Instituição Imaginária da Sociedade*, Paz e Terra, 1982.

Da Matta, Roberto, *A Casa e a Rua*, Brasiliense, 1985.

Da Matta, Roberto, *O Ofício de etnólogo, ou como ter Anthropological Blues*, 1974.

Da Matta, Roberto, *Carnavais, Malandros e Heróis*, Guanabara, 1990.

Dreyfus, Jacques, *La Societé du Confort*, L'Harmattan, 1990.

Elias, Norbert, *O Processo Civilizador*, Jorge Zahar, 1990.

Gans, Herbert, *The Urban Villagers*, Free Press, 1962.

Garfinkel, Harold, *Studies in Etnomethodology*, Polity Press, 1984.

Goffman, Erving, *La Mise en Scène de la Vie Quotidienne*, Minuit, 1973.

Heck, Marina, *L'État des Lieux*, Pensee Sauvage, 1985.

Hoggart, Richard, *The Uses of Literacy*, Penguin, 1973.

Jacobs, Jane, *The Death and Life of Great American Cities*, Penguin, 1994.

McCall-Simmons, *Issues in Participant Observation*, Addison/Wesley, 1969.

Pétonnet, Colette, *Espaces Habités-ethnologie des banlieus*, Galilee/82.

Rodrigues, Arakcy M., *Operário, operária*, Ed. Símbolo, 1978.

Rosenberg, Suzanne, *Vivre dans son quartier*, in *Annales de la Recherche Urbaine*, 1980.

Rotenberg, R. & G. McDonough, *The Cultural Meaning of Urban Space*, Bergin & Garvey, 1993.

Sansot, Pierre, *Poétique de la Ville*, Klincksieck, 1973.

Sennet, Richard, *O Declínio do Homem Público*, Cia. das Letras, 1993.

Sennet, Richard, *The Uses of Disorder*, Norton, 1970.

Sennet, Richard, *The Conscience of the Eye*, Norton, 1990.

Velho, Otávio (org.), *O Fenômeno Urbano*, Ed. Guanabara, 1987.

Willis, Paul, *The Man in the Iron Cage: Notes on Method*, in WPCS n.9, Bham, 1976.

Williams, Raymond, *Culture is Ordinary in Studying Culture*, Gray & McGuigan, London.

Young, Michael & Peter Willmott, *Family and Kinship in East London*, Rout & Kegan Paul/57

Zaluar, Alba, *A Máquina e a Revolta*, Brasiliense, 1994.